

simboliza, cando menos parcialmente, a cidadanía activa (a marea verde que insistentemente reclama a atención da sociedade nas demandas do sistema educativo): un conxunto, aínda que heteroxéneo, de profesionais críticos e intelectualmente comprometidos.

O autor sinala que os modos de control e de avaliación empregados polas administracións e servizos de inspección educativa son decisivos para re-dirixir o sistema educativo, e advirte de que a “produtividade” docente, valorada conforme escalas, de xeito máis ou menos explícito, condiciona o modelo de profesionalidade; e esa produtividade, ben sexa docente ben do centro escolar, mídese, rotúlase e defínese con instrumentos que levan incorporado un determinado modelo de ‘cidadanía educada’, e, polo tanto, de profesionalidade adecuada para logralo (p. 238). Deste xeito, a imposición de modelos positivistas que permiten comparacións e xerarquizacións numéricas outorga excesivo poder aos gobernos e administracións e condiciona as prioridades e os intereses dos profesionais, en detrimento do sentido e as grandes finalidades da educación, que deberían estar centradas na dimensión moral e ética e nos valores, “reducidos a palabras *mantra*, máis ou menos ben soantes e interesantes, pero baleiros de significado ou alimentados de contidos ao gusto de cada cal” (p. 239).

Atopámonos, en fin, diante dun traballo de marcado contido político, que se estende fóra das canles do discurso “politicamente correcto”, como adoita acontecer con ensaios desta natureza, o que de seguro vai agradecer quen agarda unha análise obxectiva, rigorosa e pouco complacente coa administración educativa e a política conservadora tan agresiva como a

que neste momento está a desenvolver o Partido Popular, tanto desde a Administración autonómica como a estatal. En *Políticas educativas...* Jurjo Torres continúa a liña crítica de traballos anteriores e ofrece un novo documento, moi útil e revelador, para a reflexión e a reafirmación argumental do profesorado, sexan profesionais ou alumnado en formación. Un traballo que axuda a situarse fronte ao discurso conservador, contra “este ‘sentido común’ socio-historicamente construído que converte en evidente ‘aquilo que se pode e podería facer, así como o que se debería facer’; e, que de modo simultáneo, transforma en ilóxicas, irracionais ou imposibles outras alternativas certamente posibles e reais”.

Xosé Manuel MALHEIRO
Universidade da Coruña

DO PICO ORJAIS, JOSÉ LUIS; MORAIS, DOMINGOS; BARRIOS MANZANO, PILAR (2017). *O legado sonoro de Jacinta Landa Vaz. Galiza, Portugal e Estremadura*. Santiago de Compostela: a Central Folque.

Em 1958, uma estremenha de 64 anos de idade entrava numa cabine de gravação disposta a registar em microssulcos um conjunto de canções cantadas a *solo* e a *capella*. O estúdio estava numa dependência anexa ao cinema Cinelandia, no número 6 da Rua San Juan de Letrán, em México D.F. Pois bem, essa mulher era Jacinta Landa Vaz, uma exiliada republicana com um tesouro que nem sequer a rapina franquista lhe pôde confiscar: sua memória (José Luis do Pico Orjais, 2017, p.47).

Jacinta Landa Vaz (3 de Novembro de 1894-13 de Julho de 1993), estremenha de nascimento foi, entre outros muitos aspectos que poderíamos pôr em relevo do seu

intenso percurso vital, mestra formada no ambiente e princípios da *Institución Libre de Enseñanza* (em adiante, ILE) em Madrid. Nasceu no seio de uma família onde recebeu uma educação livre-pensadora orientada por um pai mação e institucionista, da mesma forma que as suas irmãs Matilde (1904-1942, feminista e líder comunista que, logo de sofrer a repressão e tortura franquista, é forçada a suicidar-se no cárcere de mulheres de Palma de Maiorca)¹⁰, Aida (1888-1966) e o seu irmão Rubén (1890-1978, pedagogo e catedrático de filosofia intimamente ligado às iniciativas promovidas pela ILE)¹¹.

Especializada no ensino de crianças surdas, mudas e cegas, Jacinta empreende, entre 1917 e 1924, um itinerário de imersão na cultura galega (que, como filha de portuguesa, não lhe resultava alheia) acompanhada por João Vicente Viqueira, com quem contraiu matrimónio civil no ano 1917. O casal, instalado na Quinta de São Vitorio (Vijoi, Bergondo) recebe, num período de cinco anos, a três filhos (Luisa, Jacinto e Carmen).

Logo da prematura morte do reconhecido filósofo e membro das Irmandades da Fala, Jacinta traslada-se com os três meni-

nos a Madrid, onde se situa entre o círculo de mulheres mais ativas na reivindicação dos direitos sociais, ao participar como fundadora do *Lyceum Club Femenino Español*¹². Neste tempo funda e dirige dois centros educativos inspirados nos princípios institucionistas: a *Escuela Internacional Española*, aberta ao público no ano 1928 junto com o discípulo de Francisco Giner e secretário da *Junta para la Ampliación de Estudios* José Castillejo; e, posteriormente, a *Escuela Plurilingüe* (1933).

O seu compromisso com a República levou-a ao exílio mexicano onde, talvez a saudade fez que gravasse cantigas evocadoras da sua infância estremenha em Badajoz e na quinta familiar de Cabezarribias; melodias da terra da sua mãe, Portugal; galegas; e ainda outras canções da ILE e da colónia de San Vicente de la Barquera, entre outras cantigas infantis e contos. As gravações, herança sentimental a filhos e netos, chegam hoje às nossas mãos, possibilitando um retorno que Jacinta não pôde fazer em vida.

O investigador e músico arouçano José Luis do Pico Orjais, junto a Domingos Moraes (Universidade de Lisboa) e Pilar Barrios Manzano (Universidade de Extremadura), brindam-nos, nesta formosa edição, o legado sonoro de Jacinta Landa Vaz, contribuindo a amplificar a voz desta mulher silenciada pela História. A monografia

¹⁰ Sobre Matilde Landa cumpre destacar a obra de Gínard Féron, David (2005). *Matilde Landa. De la Institución Libre de Enseñanza a las prisiones franquistas*. Barcelona: Flor del Viento Ediciones, que permite aprofundar na vida marcada pela resistência e a coragem desta mulher "à que não puderam pendurar nem crucifixos nem sotainas", tal e como canta o grupo navarro de rock Barricada no seu álbum *La tierra está sorda* (2009).

¹¹ Centrado na figura de Rubén Landa, podemos aludir ao livro de Rangel Mayoral, Modesto Miguel (2006). *Rubén Landa Vaz. Un pedagogo extremeño de la Institución Libre de Enseñanza en México*. Mérida: Editora Regional de Extremadura.

¹² Presidido por María de Maeztu, teve entre as associadas relevantes figuras do ativismo feminista: Clara Campoamor, Victoria Kent, Isabel Oyarzábal, Zenobia de Camprubí ou Encarnación Aragoneses (mais conhecida como Elena Fortún), entre outras. O Lyceum foi crucial na defesa da igualdade, da incorporação das mulheres ao mundo laboral, do sufrágio feminino, entre outros aspetos no caminhar cara a justiça social.

preludia com uma entrevista à antropóloga mexicana Jacinta Palerm Viqueira, neta de Jacinta Landa Vaz, e estrutura-se em quatro partes diferenciadas com um mesmo baixo contínuo: a voz que canta e merece uma atenta escuta.

Um primeiro percurso transfere-nos pelos itinerários vitais de Jacinta Landa Vaz, *Canções para uma viagem*; prossegue um aprofundamento nos diversos registos sonoros empregados por Jacinta: vinis, cassetes, o suporte das cassetes e o que as gravações contêm; para passar ao estudo minucioso do repertório galego, português, e estremenho que Jacinta Landa Vaz grava; finalmente, mostra-se o conjunto das partituras que refletem o que pode escutar-se no CD que acompanha ao livro, entre as que cumpre destacar as três peças compostas pelo João Vicente Viqueira (duas das composições sobre poemas de Rosália de Castro, e uma, a *Canção de berço*, com letra e música própria).

O valioso material que contém a obra resulta de amplo interesse para a história da educação, porquanto realiza uma interessante abordagem ao conhecimento desta mestra republicana¹³ e, igualmente, fundamental para a história da música galega, para a etnomusicologia, para o reconhecimento musical de Vicente Viqueira e, ainda, para a sua aplicação didática.

¹³ Somando-se a trabalhos recentes como, entre outros: Sánchez de Madariaga, E. (Ed.) (2012). *Las maestras de la República*. Madrid: Catarata; Pozo Andrés, M. M. (2013). *Justa Freire o la pasión de educar. Biografía de una maestra atrapada en la historia de España (1986-1965)*. Barcelona: Octaedro; Porto Ucha, A.S. e Vázquez Ramil, R. (2015). *María de Maeztu. Una antología de textos*. Madrid: Dykinson.

Baixo do branco luar
logo adormecem as flores;
entre as folhinhas repousam
os pássaros voadores.
Dorme, amor dos meus amores.
Nas ponlas dos amieiros,
toleirao, devagarinho,
vai dizendo uma cantiga,
p'ra te arrolar, o ventinho.
Dorme, dorme, meu menino.

Cantar de berce.
João VICENTE VIQUEIRA

Uxía BOLAÑO AMIGO
USC

NUNO MARTINS FERREIRA, ANTÓNIA ESTRELA, BIANOR VALENTE & RUI COVELO (Coord.), *O Edifício da Escola Superior de Educação de Lisboa: 100 anos a formar professores (1916-2016). Ciclo de Conferências.* (Lisboa: CIED -Centro Interdisciplinar de Estudos Educativos/Escola Superior de Educação/Instituto Politécnico de Lisboa, 2018).

A publicação insere-se num ciclo comemorativo que resulta da preocupação de “salvaguarda, preservação e difusão do espólio didático-científico” (p. 7) da Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx) enquadrada, desde 2010, pelo projeto *Memória e Identidade: Investigação e Salvaguarda do Património Histórico da ESELx*. No momento da comemoração do centenário do lançamento da primeira pedra do edifício da ESELx iniciou-se um ciclo de conferências das quais, quatro, são aqui publicadas, precedidas pela apresentação de Nuno Ferreira e dos discursos dos presidentes do Instituto Politécnico de Lisboa (IPL) e da ESELx.

O discurso de Cristina Loureiro, presidente da ESELx, em certa medida, projeta-